

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE HISTÓRIA**

**JONATÃ VIEIRA CLEMES**

**“UM BOM SELVAGEM EXILADO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL”: A  
SENSIBILIDADE AMBIENTAL EXPRESSA NA OBRA MARCOVALDO  
OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE DE ÍTALO CALVINO**

**CRICIÚMA**

**2011**

**JONATÃ VIEIRA CLEMES**

**“UM BOM SELVAGEM EXILADO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL”: A  
SENSIBILIDADE AMBIENTAL EXPRESSA NA OBRA MARCOVALDO  
OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE DE ÍTALO CALVINO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
para obtenção do grau de Bacharelado no  
curso de História da Universidade do Extremo  
Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Renato Carola

**CRICIÚMA**

**2011**

**JONATÃ VIEIRA CLEMES**

**“UM BOM SELVAGEM EXILADO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL”: A  
SENSIBILIDADE AMBIENTAL EXPRESSA NA OBRA MARCOVALDO  
OU AS ESTAÇÕES NA CIDADE DE ÍTALO CALVINO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
pela Banca Examinadora para obtenção do  
Grau de Bacharelado, no Curso de História da  
Universidade do Extremo Sul Catarinense,  
UNESC, com Linha de Pesquisa em História  
Ambiental

Criciúma, de dezembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Carlos Renato Carola - Doutor - (UNESC) - Orientador

---

Prof. Antônio Luiz Miranda -Doutorando - (UNESC)

---

Prof. Marcelo Pastafiglia - Mestre - (UNESC)

Esta breve pesquisa é dedicada a todos os “Marcovaldos” (cidadão comum). Seja quem for, esteja onde estiver.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a minha família que através de sua compreensão e companheirismo, foram os principais agentes que possibilitaram a realização desta pesquisa.

A todos os colegas pelas discussões e convívio no decorrer, não só deste projeto, mas também, de parte de minha vida.

As orientações do professor Carola que pela exigência ajudaram a nortear e dar corpo a esta pesquisa.

**“Eu pensava ter dado um grande salto para frente e percebo que na verdade apenas ensaiei os tímidos primeiros passos de uma longa marcha.”**

**A Chinesa - Godard**

## RESUMO

A presente pesquisa, objetiva analisar, a sensibilidade ambiental do escritor Italiano Ítalo Calvino, representada em sua obra “Marcovaldo ou as estações na cidade” publicada em 1963. No qual, questiona-se por meio da reflexão em torno do discurso metafórico, presente no personagem Marcovaldo, há vigente concepção de relação homem-natureza, fundamentada nos hegemônicos conceitos de progresso, civilização e ciência, sob uma perspectiva ambiental da história. Propondo através da crítica a concepção antropocêntrica de vida, um novo modelo de organização social pautado, sobretudo, no equilíbrio da vida através de um plano holístico, orgânico e ecológico de sociedade.

**Palavras-chave:** História e Literatura. Sensibilidade Ambiental. Modernidade.

## SINOPSE

Em plena selva de asfalto e cimento da cidade industrial, o operário Marcovaldo busca a natureza. Mas existe, ainda, a boa e velha natureza? Ou tudo não passa de imitação, artifício e engano?

Personagem cômica e melancólica, o sonhador Marcovaldo não tem olhos adequados para semáforos, cartazes ou vitrines, signos da vida urbana e da sociedade de consumo. Mas está atento aos cogumelos que brotam no ponto do bonde, ao mofo nas bancas de jornais, às aves migratórias, ou às possibilidades de caçar e pescar dentro da cidade, enfrentando as mudanças de estação e descobrindo as misérias de sua existência.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 VISÕES E INTERPRETAÇÕES SOBRE A OBRA DE ÍTALO CALVINO .....</b>	<b>13</b>
2.1 SOCIEDADE INDUSTRIAL E VIDA MODERNA .....	13
2.2 O HOMEM E A CIDADE .....	17
2.3 O HOMEM E A CIÊNCIA .....	21
2.4 A CIDADE E A NATUREZA .....	25
<b>3 A SENSIBILIDADE AMBIENTAL NA OBRA DE CALVINO .....</b>	<b>29</b>
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO .....	29
3.2 A SENSIBILIDADE AMBIENTAL .....	33
3.3 CIVILIZAÇÃO E PROGRESSO .....	38
3.4 HISTÓRIA AMBIENTAL, LITERATURA E MEMÓRIA .....	43
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento técnico-científico ocasionado na segunda metade do século XX, implicou em uma série de questionamentos sobre a ambigüidade presente na sociedade moderna industrial. No qual, a questão ambiental, apresenta-se como uma das principais pautas de discussão, pois, o modelo vigente de organização social desencadeou problemas de ordem sócio-econômica, político e cultural, decorrentes de uma hegemônica concepção de relação homem-natureza.

A preocupação ambiental intensificou-se com as transformações sociais, ocorridas através do processo modernizador delineado nos países industrializados, desencadeando novas percepções sobre o mundo natural. Que, marcada pela busca da “mais valia global” altera a percepção do indivíduo em torno da relação passado-presente, gerando a “perda de referenciais do passado, interferindo na atribuição de sentido da vida social e identidade aos indivíduos”.<sup>1</sup>

Além do sentido imóvel de presente desligado do passado, pelo qual os meios de comunicação exercem importante papel, este modo de organização social acaba por abarcar, sob um processo homogenizador, todas as culturas alheias ao seu modo vida.

Diante destas questões cabe indagar “o que e como fazer para a população perceber a gravidade das questões sociais em geral e das ambientais em particular?”<sup>2</sup> Como os historiadores devem posicionar-se diante da crise ambiental e problematizar as concepções e relações entre homem e natureza, homem e meio ambiente?

Diante desta problemática a História Ambiental analisa a natureza como uma construção cultural, questionando as diferentes formas de relação homem-natureza e seu impacto sócio-cultural no decorrer da história, pensando o meio ambiente como um instrumento de compreensão histórica do homem. “A História Ambiental tem como objetivo colocar a sociedade na natureza. Logo, pensar os sistemas sociais submetidos a trajetórias indissociáveis dos processos evolutivos dos ecossistemas”.<sup>3</sup> Esta interdependência entre sociedade-natureza deve ser pensada por meio do conceito de “co-evolução”.

---

<sup>1</sup> MARTINEZ, 2006, p 16.

<sup>2</sup> MARTINEZ, 2006, p 15.

<sup>3</sup> MARTINS, 2007, p 22.

“Co-evolução” para Marcos Lobato Martins apresenta-se como, uma relação de interdependência entre homem-natureza. Delimita-se da interação entre ambas gerando reações capazes de construir e desconstruir paisagens, ou seja, “arranjos dos sistemas da natureza que existem na terra, por isso, deve-se falar em co-evolução, interdependência, dinamismo tanto da natureza quanto da cultura.”<sup>4</sup>

O Brasil apresenta várias possibilidades quanto ao estudo desta temática, podendo pensar o relativismo cultural e a multidisciplinaridade como meio de analisar as múltiplas representações da natureza, sem com isso perder-se na fragmentação. Para Paulo Henrique Martinez a vida moderna afasta o homem de seu mundo natural, o fazendo refletir sobre diferentes formas de vida não tradicionais, ou seja, não inseridas no modo capitalista. Cabe questionar por meio da História Ambiental com o objetivo de “lançar luz sobre a racionalização das desigualdades sociais e dos interesses econômicos, contida mistificação do “progresso”, e das contradições empregadas no exercício da ciência e da tecnologia.”<sup>5</sup> Este enfoque objetiva desconstruir alguns mitos sobre o mundo natural disseminados pelos meios de comunicação em geral, que legitimam a idéia de conquista e dominação da natureza.

Além de pensar a história ambiental como instrumento de análise das ambigüidades presentes no desenvolvimento capitalista, cabe pensar a história ambiental, como meio de proporcionar “melhor conhecimento de um passado tecnológico, desenvolvido secularmente pelas sociedades não-capitalistas, e adequada, por exemplo, à agricultura nos trópicos, as indústrias domésticas e ao artesanato familiar”.<sup>6</sup>

Logo, pensar a temática ambiental, no tempo histórico, é a contribuição dos historiadores para a sociedade contemporânea. Que segundo Regina H. Duarte “O vigor e a promessa dessa nova perspectiva, pela qual tantos estudiosos vêm se interessando, são o fato de que ela poderá servir prioritariamente a vida, e mais que a sua mera conservação, poderá constituir-se em prol da afirmação de sua abundância”.<sup>7</sup>

A história ambiental demonstra-se uma ciência social marcada pelo caráter multidisciplinar, que através da ascensão da perspectiva cultural da história,

---

<sup>4</sup> MARTINS, 2007, p 23.

<sup>5</sup> MARTINEZ, 2006, p 29-30.

<sup>6</sup> MARTINEZ, 2006, p 36.

<sup>7</sup> DUARTE, 2005, p 33.

possibilitou uma série de novos diálogos com outros campos do saber, um destes a literatura.

A estrutura narrativa delimita o principal ponto de encontro entre a história e literatura, sendo esta última, capaz de representar o imaginário de uma civilização dotada de uma leveza característica, que para Sandra Jatahy Pesavento permite:

Uma das metas mais buscadas nos domínios da História Cultural: é capturar a impressão de vida, a energia vital, presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo. E estes traços eles podem ser resgatados na narrativa literária, muito mais que em outro tipo de documento.<sup>8</sup>

Para analisar a sensibilidade ambiental utilizando a literatura como fonte histórica, cabe destacar a obra do escritor italiano Ítalo Calvino (1923-1985), que foi membro do partido comunista e participou da resistência ao regime fascista, questiona em sua produção literária a complexidade da vida moderna. No qual representa o cotidiano do homem urbano, remetendo a temas em torno da idéia de progresso, da relação homem-cidade, seu afastamento do mundo natural etc.

Este trabalho objetiva analisar a condição do homem moderno situado nos grandes pólos industriais representados na obra de Calvino. E tem como propósito perceber a sensibilidade ambiental deste autor na obra “Marcovaldo ou as estações na cidade” de 1963.

Antes de adentrar na análise de Calvino sobre a complexidade da vida urbana, situada na sociedade moderna. Cabe explicitar alguns conceitos que visam solidificar esta pesquisa. Dentre eles, o conceito de representação abordado pela perspectiva cultural da história, no qual para Pesavento defini-se como:

Matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.<sup>9</sup>

A representação demonstra-se uma das categorias centrais da perspectiva cultural da história, pois é por meio deste conceito que o indivíduo desenvolve sua subjetividade e forma de interpretar e dar sentido a sua realidade, logo, à realidade do passado e do presente chega ao indivíduo por meio das

---

<sup>8</sup> PESAVENTO, 2006.

<sup>9</sup> PESAVENTO, 2005, p 39.

representações. E é sob este aspecto que cabe pensar a representação da vida urbana na obra de Calvino.

Outro conceito relevante para este trabalho é o de pós-modernidade, cabe pensar este conceito como uma crítica, ou superação a modernidade. Oriunda das sociedades pós-industriais, que se caracteriza pela “sociedade do consumo e a valorização mais de aspectos simbólicos da vida do que da realidade. E, nesse contexto, a mídia e os meios de comunicação têm importante papel”.<sup>10</sup> Logo a pós-modernidade seria mais um estado de espírito do que a realidade.

A realidade seria apenas um discurso, levando o questionamento sobre a relevância de vários campos do saber, inclusive o histórico. Pois:

Todo o conhecimento histórico é resumido a ser um texto sobre outro texto, e nunca sobre a realidade. O próprio conceito de história muda, tornando-se um “discurso verossímil” e não uma ciência. Há o perigo do relativismo absoluto, no qual não há realidade, tudo é versão, tudo é verdade.<sup>11</sup>

A pós-modernidade apresenta várias definições e intensas críticas, não há um consenso em sua estrutura de análise, revelando-se um problema multidisciplinar.

---

<sup>10</sup> SILVA; SILVA. 2005, p 339.

<sup>11</sup> SILVA; SILVA. 2005, p 341.

## 2 VISÕES E INTERPRETAÇÕES SOBRE A OBRA DE ÍTALO CALVINO

### 2.1 SOCIEDADE INDUSTRIAL E VIDA MODERNA

Antes de adentrar na análise de representação que Calvino propõe em sua obra, cabe pensar o que constitui a modernidade e o que é ser moderno na sociedade industrial? Para refletir sobre esta indagação torna-se relevante o estudo de Marshall Berman, em sua obra **Tudo que é sólido desmancha no ar**, Berman diz que ser moderno é:

Encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-transformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos [...] Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx. “tudo que é sólido se desmancha no ar”.<sup>12</sup>

A compreensão do advento da modernidade demonstra-se um complexo processo histórico delineado ao longo de cinco séculos. Sob uma análise dialética da história, Berman, estabelece um recorte de três períodos para melhor compreender o processo de modernização e modernidade.

O primeiro período delimita-se do início do século XVI até o fim do XVIII (contexto histórico do Renascimento, Reforma Protestante, Iluminismo, Racionalismo Científico etc.), possui como principal expoente o pensador Jean Jacques Rousseau. Do qual, já atribui o sentido de modernidade utilizado no século XIX e XX. Analisa a liquidez, a angústia, e a ambigüidade, como características presentes no cotidiano do homem urbano situado na sociedade moderna industrial (que neste período esboça os primeiros passos de sua consolidação).

Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca o meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar.<sup>13</sup>

Para Berman o livro “A Nova Heloísa” de Rousseau, publicada em 1761, expressa o processo de modernização delineado na Europa Ocidental dotada de

---

<sup>12</sup> BERMAN, 2007, p 24.

<sup>13</sup> BERMAN apud ROUSSEAU, 2007, p 27.

contradições. No qual o turbilhão social que envolve o movimento de êxodo do campo para a cidade, coloca o indivíduo em um estado de permanente incerteza, onde a expansão das possibilidades humanas suplantam barreiras ético-morais construídas pelo homem, gerando um permanente estado de conflito, que para Berman seria o princípio da sensibilidade moderna.

O segundo período estende-se de 1790 até o fim século XIX, (contexto da Revolução Francesa, consolidação do modo de produção capitalista, etc.). Destaca-se a análise de Marx e Nietzsche, inseridos em uma nova paisagem peculiar do processo modernizador, permeado por engenhos a vapor, ferrovias, novos espaços industriais, conglomerados urbanos. Ressalta-se estes dois intelectuais, pois, expressam o sentido paradigmático da modernidade, percebendo a denúncia a vida moderna dotada de ironia, contradição e dialética. Com o objetivo de que os valores criados por este modo de organização social que afligem o homem moderno possam ser suplantados, transformados.

O terceiro período decorre-se no século XX, muito criticado por Berman, que atribui à falta de profundidade dos modernistas deste século decorrentes do seu afastamento com as idéias dos pensadores do século XIX. Do qual o modernismo, o estruturalismo e a pós-modernidade, tendem a analisar o advento da modernidade sob uma dualidade “reducionista” e fragmentada, diferentemente do olhar dos pensadores do século XIX.

Nossos pensadores do séc. XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra suas ambigüidades e contradições; sua auto-ironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo. Seus sucessores do séc. XX resvalaram para longe, na direção de rígidas polarizações e totalidades achatadas. A modernidade ou é vista com um entusiasmo cego e acrítico ou é condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença neo-olímpica; em qualquer caso, é sempre concebida como um monólito fechado, que não pode ser moldado ou transformado pelo homem moderno. Visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas: Isto e Aquilo substituídos por Isto ou Aquilo.<sup>14</sup>

Por meio da análise da consolidação do processo de modernização e modernidade, os recortando em três períodos, Berman propõe a contemporaneidade, uma análise deste processo histórico que possibilite a visão do “todo”, sem reducionismos, tratando o homem como sujeito histórico capaz de

---

<sup>14</sup> BERMAN, 2007, p 35.

transformar o próprio meio. Para isto, torna-se relevante a volta as idéias dos pensadores do século XIX, que:

Pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante: lembrar os modernistas do século XIX talvez nos dê a visão e a coragem para criar os modernistas do século XIX. Esse ato de lembrar pode ajudar-nos a levar o modernismo de volta as suas raízes, para que ele possa nutrir-se e renovar-se, tornando-se apto a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir. Apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades – e nos homens e mulheres modernos – de amanhã e do dia depois de amanhã.<sup>15</sup>

A contradição expressa o ser e constituir-se na modernidade segundo Berman. Pois, o processo de autodestruição inovadora, ou seja, a necessidade vital de acúmulo de riquezas no sistema capitalista, coloca o homem em um turbilhão de informações, onde reina a paixão desenfreada pelo novo. Porém, há diferentes concepções de análise deste processo. O sociólogo Zygmunt Bauman destaca outros pontos do que ele conceitua de pós-modernidade em oposição à concepção de Berman, analisando o mal-estar e a produção de refugos humanos gerados por este modo de vida.

Para Bauman, a constituição da civilização moderna envolve a consolidação de um conjunto de valores ético-morais, que visam estabelecer a ordem na sociedade da produção e consumo. Logo, o homem abdica de sua liberdade individual em detrimento de uma maior segurança que assegure os direitos da propriedade. Gerando o mal-estar na modernidade, pois, o indivíduo sofre uma forte repreensão se transgredir esses valores solidificados na sociedade moderna. Mas o que difere o mal-estar moderno do pós-moderno para Bauman, seria a busca intensa pelo prazer e pela liberdade na pós-modernidade, onde o indivíduo abdica já da sua segurança em detrimento de sua liberdade individual.

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provem de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolerava uma segurança individual pequena demais [...] Os esplendores da liberdade estão em seu ponto mais brilhante quando a liberdade é sacrificada no altar da segurança. Quando é a vez de a segurança ser sacrificada no templo da liberdade individual, ela furta muito do brilho da outra.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> BERMAN, 2007, p 49.

<sup>16</sup> BAUMAN, 1998, p 10.



Esta busca intensa pela liberdade e felicidade individual, desencadeia-se em um período que cada vez mais as responsabilidades sociais do Estado estão sendo privatizadas. Gerando a exclusão das classes menos favorecidas, aumento de criminalidade e população carcerária e a consolidação da sociedade do consumo, que despeja o homem em uma busca inatingível de padrões que acabam por lhe individualizar, ocultando a necessidade de uma consciência social e senso de coletividade.

E, desse modo à liberdade, a individualidade do indivíduo são ameaçadas não apenas pelos detentores do poder. Estes últimos sustentam a liberdade como o laço que sustentam o homem enforcado – o homem ou mulher que assume a responsabilidade com suas próprias mãos vive o pesadelo de todo poder.<sup>17</sup>

Este modo de organização social apoiado em uma hegemônica concepção de progresso econômico produz seus efeitos colaterais, seus refugos. Para Bauman, a produção de refugo humano, ou seja, as pessoas que não se adaptam a este modelo organizacional, são simplesmente excluídas, desprovidas de poder aquisitivo de consumo, apresentam a outra face indissociável do progresso técnico-científico e da globalização, que acentua ainda mais esta problemática.

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da construção da ordem (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do progresso econômico (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência).<sup>18</sup>

A sociedade da produção e consumo colocou o homem moderno em uma situação de mudança permanente, no qual Ítalo Calvino percebeu e sentiu as ambigüidades e contradições deste modo de vida, os representando por meio de variados temas, como: o homem e a cidade, a relação entre memória e espaço urbano, cidade e natureza etc.

---

<sup>17</sup> BAUMAN, 1998, p 249.

<sup>18</sup> BAUMAN, 2005, p 12.

## 2.2 O HOMEM E A CIDADE

Como definir a cidade moderna de modo que possibilite a compreensão de suas ambigüidades imbuídas de valores que são socialmente construídos? A partir desta problemática, como situar e analisar a relação do homem moderno com este espaço? Como esta relação se constrói?

A cidade é o espaço em que a cultura humana potencializa e concentra todo seu poder de criação e transformação; é onde se edificam as obras arquitetônicas mais monumentais; espaço de convergência e atração de tradições culturais diversas; lugar onde mais se desenvolvem as artes e as especialidades da criação humana: filosofia, ciências, literatura, tecnologia, pintura, escultura, arquitetura, engenharia etc. [...] na cidade, os cidadãos se realizam com a sensação de conforto e distanciamento dos incômodos do ambiente natural. A vida urbana exprime o modo de ser e viver do homem civilizado, o homem que idealizou uma forma de vida não somente divorciada da natureza, mas que alenta uma busca incessante para dominá-la, transformá-la e até mesmo ser capaz de destruir aquilo que julga representar um risco à sua sobrevivência ou ao desenvolvimento.<sup>19</sup>

A relação homem-cidade remete a um dos principais temas salientados por Calvino, suscitando uma série de indagações em torno da interação sujeito-espaço urbano. Questões estas que analisam o condicionamento da vida moderna, e a forma como o homem se auto-questiona em torno desta condição.

Em **idades (in) visíveis: imagens, caminho e representações**, Lillian A. dos Santos de Souza, analisa a visualidade da cidade, objetivando compreender sua espacialidade através da percepção visual e do transitar sobre esta. Para isto analisa três obras de Calvino, “as cidades invisíveis” de 1972, “Marcovaldo ou as estações na cidade” de 1963, e “O castelo dos destinos cruzados” de 1991.

Segundo a autora o homem contemporâneo se encontra em um estado condicionado pelo seu modo de vida alienante, ofuscado pelos semáforos, automóveis e grandes monumentos. Defronta-se com a perda de significado do sentido da vida, e existência do mundo. E para transcender este momento de lapso, pelo qual a sociedade moderna industrial impõe ao cidadão comum, Souza destaca três principais pontos de análise, que perpassam as obras destacadas. A obra “as cidades invisíveis” torna-se relevante para discutir o processo de construção das representações na cidade moderna. Pois, é no ambiente urbano que o indivíduo constrói a sua subjetividade e individualidade. Logo:

---

<sup>19</sup> CAROLA, 2009, p 183.

Uma cidade existe não só por sua presença física em um espaço e tempo, mas, sobretudo, pelas interpretações e representações que se fazem dela [...] A cidade pode ser entendida como um organismo que compreende pelo menos duas facetas que se interpõe e se relacionam mutuamente: a primeira é relativa ao ambiente físico-espacial, cenário onde se desenvolve a segunda, que diz respeito às pessoas que nela habitam e às relações que constroem entre si.<sup>20</sup>

Para compreensão da relação homem-cidade, segundo a autora, torna-se primordial não apenas a análise de seu espaço físico, mas também conceituar como o homem se relaciona com este ambiente. Problematiza-se neste sentido de que forma a interação homem-cidade contribui para a formação da memória e identidade social do indivíduo, pois é da relação com seu meio externo que o sujeito constrói a sua representação de realidade dando sentido a sua forma de interpretar o mundo.

Logo, a idéia central expressa na análise da obra “As cidades invisíveis” por Souza, centra-se no processo de construção da relação sujeito-espaço urbano, no qual possibilita ao indivíduo um meio de formação da sua subjetividade que esta diretamente ligada à construção da sua identidade e memória. Já, a segunda obra analisada por Souza “Marcovaldo ou as estações na cidade” objetiva discutir a busca pela “essência” da cidade por meio de uma proposição de um caminhar estético, que liberte o homem das amarras da vida moderna.

Para a autora que trabalha sob uma conceituação de pós-modernidade, a perda de referência do espaço urbano delimita-se como uma das principais características da vida pós-moderna, pois a cidade já não diz mais como ser lida, “no auge da visibilidade a cidade tornou-se invisível”.<sup>21</sup> Diante deste problema cabe questionar sobre como compreender o espaço urbano e sob que condições o indivíduo estabelece a relação com o mesmo? O que delimita ou predispõe os vários olhares ou várias representações possíveis na sociedade industrial? E como o indivíduo esta situado neste processo? Para a autora é os sentidos e mais especificamente o olhar o fator preponderante que denota a relação do individuo com o meio externo, porém, questiona a importância de compreender a diferença entre o olhar e a visão representados na obra de Calvino.

O personagem Marco Pólo da obra “as cidades invisíveis” é um viajante que por meio do olhar, pensa, seleciona e procura signos e símbolos da cidade, ha compreendendo e experimentando experiências únicas e subjetivas com esta.

---

<sup>20</sup> SOUZA, 2010, p 10.

<sup>21</sup> SOUZA apud PEIXOTO, 2010, p 58.

Diferentemente do personagem Marcovaldo da obra “Marcovaldo ou as estações na cidade”. Onde a sua visão é intencionalmente orientada pela rotina, compromissos, que denotam a manutenção da estrutura moderna alienante. Embora esta forma de relação com o espaço urbano de Marcovaldo marcada pela visão, para a autora, o faça em alguns momentos, refletir e se auto-questionar diante de sua situação, de sujeito invisível na modernidade.

Destaca Souza que enquanto Marcovaldo (que seria o cidadão comum de uma cidade pós-moderna) estabelece a sua relação visual com o espaço urbano condicionada pela rotina, o personagem Marco Pólo desenvolve através da sua relação visual com o meio externo uma prática estética, ou a prática do “flâneur”, percebendo e denunciando as contradições expressas na cidade.

O “flâneur” personagem apresentado na obra do poeta Frances Baudelaire, seria um errante, que por meio do seu modo de vida e envolvimento material com a cidade a conhece como ninguém. A cidade apresenta-se a este em uma multiplicidade de possibilidades dotada de belezas e contradições, porém cabe mencionar que o flâneur:

Ele não simplesmente passeia pela cidade, mas transforma o mais insignificante dos fatos urbanos em um grande acontecimento, numa profunda experiência interior [...] a cidade do flâneur nunca era sua terra natal, ainda que houvesse nascido nela. A cidade é algo para ser descoberto, explorado, nunca aceito como natural, que esta lá e daquele jeito desde sempre.<sup>22</sup>

Souza propõe em análise a obra “Marcovaldo”, que por meio da relação metafórica que o personagem central estabelece com seu meio, possa compreender o espaço urbano e entender a essência da cidade, para isto rompendo com o véu condicionante da estrutura industrial. Logo, a “estética do caminhar” seria a apropriação do cidadão comum de alguns aspectos do flâneur, pois, o andar despreocupado produz suas paisagens e arquiteturas, rompendo com o modo de vida alienante que ofusca o indivíduo de experiências únicas e subjetivas com seu meio externo.

Na última obra analisada por Souza “O castelo dos destinados cruzados” a autora busca a essência da cidade por meio do uso da fotografia como fonte.

---

<sup>22</sup> SOUZA apud BASSANI, 2010, p 66.

Utilizando o ensaio de dois fotógrafos para tornar exposta as relações subjetivas que o indivíduo constrói com o espaço urbano.

A fotografia aos olhos do senso comum apresenta-se com uma tradução do real, uma projeção racional da realidade, mas o conceito de fotografia utilizado pela autora desconstrói este discurso. Pois, a fotografia além de ser uma representação do cenário projetado, traz consigo a subjetividade do fotógrafo dotado de implicação ideológica. A idéia central presente na junção entre fotografia e literatura estabelece-se com intuito de buscar a singularidade da cidade em sua relação com o indivíduo, reafirmando os dois pontos discutidos em “Marcovaldo ou as estações na cidade” e “as cidades invisíveis”. Valorizam aspectos cotidianos presentes em uma metrópole, e a pluralidade de possibilidades que a cidade fruto de uma criação humana apresentam para o sujeito, sendo o indivíduo dotado de possibilidades de transformar o meio em que vive.

Analisando a relação homem-cidade que permeia a obra de Calvino, cabe apontar para outro tema constantemente problematizado em sua obra, a relação homem-ciência. Que envolve a crítica as concepções hegemônicas de ciência e progresso, que assim como influenciam na estruturação do espaço urbano, também influenciam na relação homem-natureza da sociedade moderna, gerando impactos em diversos âmbitos e esferas sociais, que cabe serem discutidas. Logo, o que se defini como ciência? E qual seu principal objetivo?

## 2.3 O HOMEM E A CIÊNCIA

Como advento da modernidade, e mais precisamente nos séculos XVIII e XIX impulsionado pela filosofia iluminista e o positivismo de Comte, produziu-se um discurso hegemônico da concepção de ciência. Atribuindo que por meio do desenvolvimento do progresso técnico-científico esta libertaria o homem, lhe proporcionando felicidade, igualdade e liberdade. Porém, este modelo de organização social colocou a humanidade sob um paradoxo, pois o modo de produção capitalista legitimado por esta concepção hegemônica de ciência aprofundou a dominação e a exploração do homem para com o mundo natural, e do homem sobre o homem.

No alvorecer do século XXI, o paradoxo está em toda parte. A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer e é assumida pelo discurso hegemônico como sinônimo de progresso trazido pela globalização. Mas esse progresso, discurso dominante das elites globais, traz também consigo exclusão, concentração de renda, subdesenvolvimento e graves danos ambientais, agredindo e restringindo direitos humanos essenciais.<sup>23</sup>

O modo de produção capitalista além de trazer benefícios para a humanidade produziu seus refugos, gerou conseqüências que rompem barreiras éticas e morais construídas pelo homem. Neste sentido cabe questionar “será que esse progresso baseado no domínio da energia pode ser considerado benéfico no sentido de trazer maior felicidade a espécie humana? Será que este processo acarretou em real aumento de inteligência ou da capacidade de compreensão humana?”<sup>24</sup>

É diante deste paradoxo, ou seja, da complexidade da vida moderna marcada pela contradição, que Luiza M. de Oliveira Viana analisa a relação homem-ciência por meio da obra de Calvino, intitulada “Palomar” publicada em 1983. O personagem central da obra, (com o mesmo nome do título) demonstra-se aturdido com a quantidade de informações que recebe por dia. Buscando através de um método científico o conhecimento verdadeiro do mundo, como forma de amenizar a angústia que sente, e lhe fazer entender o sentido da vida e do mundo, por ele questionado.

---

<sup>23</sup> DUPAS, 2007, p 73.

<sup>24</sup> BRANCO, 1990, p 10-11.

Para a autora, o progresso técnico-científico está subordinado aos interesses das elites globais que denotam a estrutura capitalista. Logo, a ciência caracteriza-se pelo objetivo de dominação, baseado na exploração do homem pelo homem, e do homem pela natureza. Que por meio da padronização da produção em série individualiza o homem, expondo o caráter compulsivo de uma sociedade alienada de si mesma.

O personagem Palomar, inserido neste contexto, sofre os impulsos midiáticos mantenedores da produção industrial fundamentada por esta concepção hegemônica de ciência. Instiga o consumo como satisfação espiritual, desconstruindo a subjetividade e singularidade do sujeito. Logo, a mercadorização expressa no capitalismo, estende-se também a mercadorização das idéias, evidenciando o caráter instrumental da ciência apoiada na produção industrial:

A indústria impõe ao sujeito a necessidade do produto por ele criado. Essa imposição é feita através da propaganda ou de quaisquer outros meios que viabilizem a sua distribuição, a sua venda. Há todo um planejamento anterior, em vários níveis que tornam o sujeito quase incapaz de escapar a sua necessidade, a sua sedução, ao seu domínio. Estebelece-se a padronização do que é desejável para o indivíduo – padrão de comportamento, padrão de beleza etc. – o que leva fatalmente ao esmagamento de sua singularidade. A forma desejável torna-se obrigatória, acabando por transformar-se numa espécie de forma.<sup>25</sup>

Este modo de vida que conduz a “mercadorização do eu” reduzindo o homem a mero consumidor, acaba por acarretar na formação de um processo de alienação, gerando o desamparo na modernidade. Pois, o sujeito inerte ao racionalismo da sociedade industrial, cria como mecanismo de defesa um mundo ilusório, que faça sentido, e que dê respostas a suas angústias.

Palomar é enganado pelos seus sentidos, vive em um mundo ilusório. De acordo com o texto, as nuvens criam a ilusão que a lua se locomove e se metamorfoseia rapidamente no céu; da mesma forma, o personagem engana a si mesmo, inventando um mundo falso. É muito forte sua necessidade de alienar-se diante da realidade.<sup>26</sup>

Além deste mal-estar gerado pela modernidade que impõe diversas identidades ao sujeito, gerando o desamparo, a supressão dos sentimentos e sentidos. O cientificismo acaba por tirar a amparidade que a religião proporciona ao

---

<sup>25</sup> VIANA, 2007, p 34.

<sup>26</sup> VIANA, 2007, p 48.

indivíduo. Como refúgio encontra no conjunto de ética e moral da ordem vigente, a supervalorização de coisas inócuas, e buscas compensatórias por meio do consumo. Neste sentido a alienação individualiza o sujeito, ofuscando deste a consciência social, o sentido de coletividade, do todo, que pode ser a solução de combate a este modelo organizacional.

E é em torno da crítica a concepção hegemônica de ciência por meio da obra de Calvino, que Viana indaga para a proposição de um método científico sistemático, que possibilite a compreensão do meio, e do próprio homem.

A dúvida é um estado de espírito polivalente. Pode significar o fim de uma fé, ou pode significar o começo de uma outra. Pode ainda, se levada ao extremo, instituir-se como “ceticismo”, isto é, como uma espécie de fé invertida. Em dose moderada estimula o pensamento, mas em dose excessiva paralisa toda atividade mental. A dúvida como exercício intelectual proporciona um dos poucos prazeres puros, mas como experiência moral ela é uma tortura. A dúvida, aliada a curiosidade, é o berço da pesquisa, portanto de todo conhecimento sistemático – mas em estado destilado mata a toda curiosidade e é o fim de todo conhecimento.<sup>27</sup>

Em Palomar, Calvino analisa o cotidiano do homem urbano e sua relação com a ciência através da ironia, do riso. Cabe pensar o riso, dotado de uma multiplicidade de origens e possibilidades, como transgressor de valores solidificados na sociedade moderna. Logo, um evento que modifica a ordem habitual das coisas. Para a autora, o discurso alegórico presente em Palomar, critica a “sociedade industrial caracterizada pelo desenvolvimento científico e pelo consumo, que cria um indivíduo eufórico, cheio de expectativas, de ilusões.”<sup>28</sup> Calvino busca desconstruir supostas verdades naturais produzidas pela ciência, o falso sério, presente na religião, na indústria cultural, e nas ciências humanas e exatas. Diante da despotencialização do eu na modernidade, salienta-se a violência dos interesses das estruturas sócio-econômicas no cotidiano do indivíduo. Pois, no romance ri-se do indivíduo (Palomar), mas o grande foco de Calvino por meio da obra, é a crítica a sociedade representada em Palomar.

A cidade é complexa e contraditória e o indivíduo é incapaz de perceber seus sinais. O progresso transformou-se em barbárie o cidadão virou consumidor e a possibilidade de felicidade deu origem a vida mutilada [...] Desamparado, incapaz de gerir sua própria vida o indivíduo arquiteta as

---

<sup>27</sup> VIANA apud FLUSSER, 2007, p 71.

<sup>28</sup> VIANA, 2007, p 108.



ilusões mais delirantes, um lugar onde apóie sua auto-estima e encontre alguma paz e harmonia.<sup>29</sup>

Além da relação homem-cidade e homem-ciência, constantes na obra de Calvino questionam-se a forma como estes temas analisados refletem na interação homem-natureza e cidade-natureza. Mas o que se denomina por natureza? Quais as representações de natureza presentes na sociedade moderna? Estes temas serão aprofundados no tópico a seguir, com o intuito de introduzir a possibilidade de análise da sensibilidade ambiental de Calvino, presente na obra “Marcovaldo”.

---

<sup>29</sup> VIANNA, 2007, p 115.

## 2.4 A CIDADE E A NATUREZA

A concepção positivista da história, baseada no historicismo de Ranke, organiza-se cronologicamente sob um enfoque progressivo-linear. Esta perspectiva histórica acaba por internalizar a existência de um único homem histórico em constante evolução. Cabe pensar o homem sob a perspectiva cultural da história, logo, não há um único homem como sujeito histórico, pois, o ser humano se constrói socialmente de diversas maneiras. É sob este enfoque que objetiva-se conceituar a natureza, e a sua relação com a cidade representada na obra de Calvino.

Os homens que se construíram de diversas maneiras em diversos períodos, conseqüentemente construíram diversos sentidos para o que designa-se como natureza. Cabe ao historiador, analisar o sentido atribuído ao significado de natureza socialmente construído por diferentes civilizações, como meio de desconstruir os discursos internalizados sob o enfoque progressivo-linear da história, que cria uma essência imutável de homem e natureza.

Os homens já construíram sentidos diversos para o que ele chama de natureza e certamente essa palavra nem sempre designou as mesmas coisas. Não que o mundo natural seja uma mera invenção humana, insistiremos nisso mais uma vez. Mas o sentido dado a ela são criações culturais pelas várias sociedades ao longo do tempo e nas mais diversas partes do mundo. Assim não há o “homem” e tampouco a “natureza”<sup>30</sup>.

O homem moderno atribui diferentes sentidos e significados a natureza, Reginha H. Duarte analisa algumas destas concepções constantemente difundidas e presentes em nossa cultura ocidental. “Marcada por uma tradição religiosa monoteísta, a natureza seria composta de um conjunto de essências e elas formariam, em última instância, uma realidade maior e transcendente, única e monolítica: a natureza.”<sup>31</sup> Esta concepção baseada nas tradições judaico-cristãs, para a autora, apresenta a natureza como um Éden, uma visão romântica de natureza como refúgio e o retorno a ela como solução das ambigüidade da cidade moderna.

Outra concepção destacada pela autora denota, para uma natureza como construção humana artificial, não viva, evidenciando o caráter comercial atribuído a

---

<sup>30</sup> DUARTE, 2005, p 78.

<sup>31</sup> DUARTE, 2005, p 78.

esta, que pode ser comprada e vendida, feita e refeita, apenas para se ajustar aos padrões de beleza de uma determinada cultura.

Cabe problematizar estas concepções de natureza atribuídas pelo homem moderno, com o intuito de desmistificar estas perspectivas que sem um cuidado prévio de análise, internalizam processos históricos socialmente construídos como algo natural. Logo, omitindo a possibilidade de transformá-las.

Bruna Fontes Ferraz em seu artigo **“As estações de Marcovaldo: relação entre cidade e natureza a partir da obra Marcovaldo ou as estações na cidade, de Ítalo Calvino.”** Discute o paradigma ambiental expresso no romance Calviniano, no qual, utiliza como referencial teórico o filósofo alemão Walter Benjamin.

A autora objetiva estabelecer uma reflexão sobre as conseqüências da modernização nos grandes centros urbanos. Para isto, apoia-se na análise de Benjamin. No qual a perda de identidade, a mecanização e mercadorização das relações humanas, são decorrentes de uma sociedade baseada nas relações de produção e consumo. Que acarreta por meio da reprodução em série, a perda da “aura”, e da memória social do indivíduo, gerando a crise de comunicação e a necessidade da narrativa, como meio de combate as ilusões e alienação desenvolvidas pela modernidade.

Desse modo, percebemos que tanto a reprodução técnica, mecânica da obra de arte, quanto a perda da memória da cidade, no âmbito urbano – por não cultivarem suas tradições, suas auras – acarretam em uma ilusão, já que a cidade ao mesmo tempo que destrói as manifestações da arte e da natureza, procura recriá-las, mesmo que artificialmente. A definição do filósofo alemão para a aura remete a natureza enquanto ambiente integrador, em oposição à modernidade, em que a natureza é artificialmente conservada em forma de parques, praças, e etc., confirmando, de certa maneira a desintegralização generalizada.<sup>32</sup>

Através desta indagação, pode-se perceber uma das características da modernidade, para a autora. Que representa a figura da natureza em oposição ao modo de vida construído nos grandes centros urbanos, presente no embate entre a vida natural e a vida artificial. É neste embate, que Ferraz aponta o personagem Marcovaldo. Inserido na sociedade industrial este flana pela cidade, que não diz como ser lida, embora direcione seu olhar para manutenção da estrutura alienante.

---

<sup>32</sup> FERRAZ, 2011, p 35.

O personagem Marcovaldo diante da crise do eu na modernidade, indaga para uma natureza perdida, um mundo ilusório. Não se adaptando a linguagem da sociedade industrial, do qual se vê desprovido do poder de consumo, a margem dos padrões requisitados pela ordem vigente:

Por suas andanças pela cidade, Marcovaldo pode ser considerado então como um tipo de flâneur que resiste à modernidade e ao ritmo acelerado da cidade. No entanto, se o flâneur de Baudelaire se sente em casa nas ruas, embora seja solitário, Marcovaldo flana pela cidade sem se sentir em casa, pois está sempre sem ou fora de lugar, uma vez que não consegue entrar no ritmo da modernidade acelerada.<sup>33</sup>

Diferentemente do flâneur de Baudelaire que apesar de ser um denunciador das desigualdades, das injustiças presentes na modernidade, consegue se identificar como parte de um todo, Marcovaldo sente-se avesso a esta sociedade, interrogando o verdadeiro sentido da vida e do mundo, buscando sobreviver nela e a ela.

Para a autora o embate entre a cidade e a natureza, representados no personagem Marcovaldo, apresenta a possibilidade de diálogo ao discurso de Benjamin. Que faz uma severa crítica à modernização consolidada pela padronização da produção em série, no qual Benjamin atribui a esta característica, o fator preponderante da perda da aura na modernidade. Isto não apenas em âmbito artístico, mas também nos valores ético-morais disseminados no cotidiano do homem urbano.

Ao dialogar, conversar criticamente, narrativamente com Benjamin, Calvino deixa a lição conforme a qual por mais hostis que sejam as situações que se apresentem ao escritor, por mais que a modernidade simbolizada pela cidade industrializada persista em destruir e apagar as experiências e as memórias retirando ainda mais a aura das coisas, dos seres, o escritor tem que continuar resistindo com as suas essenciais ferramentas: as imagens, as palavras, os silêncios, o humor melancólico.<sup>34</sup>

Logo, ao mesmo tempo em que o ritmo acelerado da produção industrial, apropria-se do mundo natural, o representando de forma artificial. Calvino indaga para uma natureza resistente e ainda vida, convivendo e lutando contra a modernização. E também critica a falsa esperança de retorno a um mundo idílico,

---

<sup>33</sup> FERRAZ, 2011, p 40.

<sup>34</sup> FERRAZ, 2011, p 41.

onde a superação dos problemas gerados pela modernidade fossem facilmente superados.

Explicitado alguns temas constantes na obra de Ítalo Calvino, cabe indagar para a sensibilidade ambiental deste autor. Problematiza até que ponto a figura de Marcovaldo, pode simbolizar a busca por uma sociedade pautada no equilíbrio, sob um plano de visão holístico de sociedade. Para isto, aprofunda alguns conceitos no capítulo a seguir, como o conceito de progresso, sensibilidade ambiental e etc.

### 3 A SENSIBILIDADE AMBIENTAL NA OBRA DE CALVINO

#### 3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

No período que se estende ao término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), consolidaram-se duas potências antagônicas, que visavam à implementação de seus interesses político-econômicos na nova ordem global que se estabelecia. Conflito este conhecido como Guerra Fria. Constantemente analisada como um conflito ideológico entre capitalismo x socialismo, ou como uma disputa pela dominação mundial envolvendo a ameaça de guerra nuclear. Vizontini aponta os reducionismos que estas perspectivas apresentam ao enfatizar apenas aspectos político-econômicos deste processo histórico, geralmente tornando-se dualistas a procura de culpados e absolvidos. Para o autor “a Guerra Fria constitui um conflito complexo, racionalmente explicável à luz das enormes transformações que marcaram o século XX”.<sup>35</sup>

A Guerra Fria possibilitou aos EUA a sua consolidação como principal potência mundial, detentora de vantagens até então nunca almejadas por nenhuma outra potência, possuindo instituições em âmbito político-econômico e militar legitimadora de seus interesses. No campo econômico o FMI, e o Banco Mundial estabeleceram-se como meio de controlar e regularizar as relações de troca em âmbito global sob uma ótica liberal. Nas áreas, diplomática e política, a ONU demonstrava-se como um mecanismo de fundamentar em plano jurídico e ideológico a construção de um modelo organizacional pautado no desenvolvimento capitalista, somadas com a doutrina Truman e o plano Marshall. Que possibilitou a reconstrução da Europa Ocidental duramente afetada com a guerra, junto com empréstimos a juros baixos aos países europeus que consumissem mercadorias norte americanas. Esta política dos EUA de auxiliar os “povos livres” da suposta ameaça totalitária comunista, reforçava ainda mais a idéia de divisão de mundo.

Decorrentes deste processo histórico que se pode estabelecer um recorte temporal de 1950-1970 denota para os anos dourados do sistema capitalista, que durante este período passou por uma reestruturação e globalização de sua economia. Apoiada no desenvolvimento tecnológico que possibilitou um aumento

---

<sup>35</sup> VIZENTINI, 1998, p 96.

explosivo da produção e conseqüentemente de consumo, pois, até então artigos destinados apenas as classes ricas (como televisão, geladeira, máquina de lavar, etc.), agora chegavam à casa de boa parte dos trabalhadores de classe média comum. Criando como subproduto deste modo de vida insustentável a poluição e a degradação ecológica, decorrentes do explosivo aumento do uso de energias fósseis (carvão, petróleo, gás-natural etc.).

A era de ouro (que beneficiava algumas nações hegemônicas capitalistas) precisava das pessoas apenas como consumidores, pois, a mecanização da produção garantia o aumento de lucro responsável pela democratização do mercado. Que “possibilitou o comércio de uma série de produtos não relacionados à comida, propondo uma certa instabilidade ao consumidor.”<sup>36</sup> Marcada por três características básicas, estabelecidas pela globalização da economia, que seria a expansão das empresas multinacionais, a divisão social do trabalho e o aumento de financiamento externo.

O historiador Eric Hobsbawm salienta que além de transformações no campo político-econômico, as décadas de 1950-1970 no contexto de intensificação da guerra fria foram palco de profundas revoluções sócio-culturais na sociedade contemporânea. Na esfera social o autor destaca o êxodo rural impulsionado pelo desenvolvimento da produção agrícola, tornando a “cidade grande” do mundo desenvolvido:

Uma região de assentamentos conectados, em geral concentrados numa área ou áreas centrais de comércio ou administração reconhecíveis do ar como uma espécie de cadeia de montanhas de prédios altos arranha-céus, a não ser onde essas construções não eram permitidas.<sup>37</sup>

Decorrente do processo de êxodo rural, as relações das cidades urbanas liberais implicavam na necessidade de uma população escolarizada em nível secundário e superior, como forma de colocar a cidade sob os ditames do desenvolvimento capitalista. Porém, expressa na década de 1960 as camadas escolarizadas, sobretudo estudantes universitários, demonstraram constituir um importante fator de contestação político-social. Com formas eficazes de resistência agindo em conjunto com o setor sindical. Cabe destacar, que o contexto sócio-econômico que criou uma grande massa operária, possibilitou para esta um poder

---

<sup>36</sup> HOBBSAWM, 1998, p 264.

<sup>37</sup> HOBBSAWM, 1998, p 288.

aquisitivo de consumo que lhe proporcionou artigos até então não almejados, transformando seus padrões de vida assustadoramente se comparado ao padrão de seus pais. De certa forma, minando os ideais de transformação social idealizado por uma camada resistente da sociedade neste período. Para Hobsbawm marcada pelo casamento entre a política liberal e a democracia social.

O movimento feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho, e a luta por bandeiras em torno da legalização do divórcio, legalização do aborto, consumo de anticoncepcionais estavam presentes na sociedade deste período. Assim como, a crise na estrutura familiar e em padrões de caráter religioso- jurídico que governava a conduta sexual das pessoas estavam sendo postos a baixo. Marcada através da ascensão de uma cultura jovem que emergia com uma forte crítica social ao sistema capitalista:

A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos.<sup>38</sup>

A década de 1960 apresenta algumas peculiaridades históricas muito interessantes, pois, ao mesmo tempo em que se exaltavam os benefícios de uma cultura de consumo, fortemente embasada em uma concepção hegemônica de progresso. Uma parcela da juventude crítica a conjuntura da época, desenvolveu mecanismos de resistência, e de negação a cultura vigente de forma muito rica expressa na literatura, poesia, música, cinema, artes plásticas e etc. Este movimento designado de contracultura objetivava uma nova sociedade pautada na felicidade e no amor entre as pessoas, atingindo várias esferas sociais. Por meio de movimentos universitários desencadeando greves sindicais, festivais de música e etc.

Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática em um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> HOBBSAWM, 1998, p 323

<sup>39</sup> PEREIRA, 1986, p 8.



Diante deste contexto de intensa disputa político-econômica, e efervescência sócio-cultural, o escritor Italiano Ítalo Calvino que participou da resistência ao regime fascista e militou no partido comunista italiano até 1956. Influenciado pelo neo-realismo italiano literário, escreveu entre 1952-1963 a obra *Marcovaldo ou as estações na cidade*, publicada em 1963, que conta a história de um trabalhador comum cansado da rotina complexa da cidade urbana, busca na natureza a resposta para suas angústias.

O neo-realismo italiano, estilo utilizado por Calvino, seria um movimento artístico que pretendia pensar por meio da arte uma nova sociedade no período pós-guerra, pois a Itália encontrava-se seriamente debilitada na decorrência deste conflito. Logo, intelectuais, sobretudo, do partido comunista esboçaram por meio das artes plásticas, literatura e cinema os primeiros passos desta construção, que visava à criação de uma linguagem estética subjetiva com o público. Denunciando a miséria, o desemprego, e a fome decorrentes da guerra. Porém, alguns aspectos, minaram os ideais dos neo-realistas, primeiro, em 1956 a denúncia aos crimes da ditadura stalinista durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, acarretou no abandono de vários militantes do partido. E em segundo o contexto social da Itália transformara-se surgindo novas questões que acabaram por suplantar o movimento neo-realista.

Neste contexto a obra *Marcovaldo* de Calvino, que começou a ser escrita em seu período de militância no partido comunista e terminada alguns anos após sua saída. Abarca alguns aspectos neo-realistas, porém, o foco principal de análise já traz outros aspectos, remetentes, a nova dinâmica imposta pela sociedade industrial em meados da década de 1960. E é analisando estes aspectos remetentes a cultura urbana que segue a identificação da sensibilidade ambiental deste autor.

### 3.2 A SENSIBILIDADE AMBIENTAL

O personagem Marcovaldo, ao mesmo tempo cômico e melancólico, busca na natureza a fuga da rotina alienante expressa na vida urbana. Não são os aparatos da cidade moderna delineados para chamar sua atenção que lhe tocam, mas sim, pequenas demonstrações de vida que brotam no seio da cidade. Evidenciando o caráter de uma natureza ameaçada e suprimida pelos ditames da sociedade industrial, mas ainda resistente e viva.

Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência.<sup>40</sup>

No decorrer de cada estação do ano, Marcovaldo busca uma maneira de encontrar a natureza perdida. Com a finalidade de construir a sua subjetividade como indivíduo perdida na era da homogeneização e da padronização da produção em série. No conto “Férias num Banco de Praça”, o personagem questiona-se, querendo fugir da mecanização das relações humanas e da perda da “aura”, ao qual esta vida tumultuada impera. Decidindo dormir em um jardim público com o intuito de se aproximar do seu tão sonhado retorno ao mundo natural:

Oh, quem me dera acordar uma vez com o chilrear dos passarinhos e não com o estrilo do despertador, os berros do recém-nascido Paolino e as reclamações de minha mulher Domitilla!, ou então: Oh, quem me dera dormir, aqui sozinho em meio a este verde tão fresco, e não naquele quarto baixo e quente; aqui no silêncio, não entre roncos e conversas durante o sono de toda a família e correria de bonde na rua; aqui na escuridão natural da noite, não naquela artificial das persianas fechadas, cortadas em listras pelos reflexos dos faróis; oh quem me dera ver folhas e céu ao abrir os olhos!<sup>41</sup>

Porém, o véu condicionante da estrutura moderna aparece como contraponto a sua ânsia de retorno a um paraíso bucólico. Ao deitar-se em um banco do jardim público e contemplar o seu meio, com a beleza da lua, e a sensação de calma no descanso das árvores. Primeiro o “pisca-pisca” dos

---

<sup>40</sup> CALVINO, 1994, p 7.

<sup>41</sup> CALVINO, 1994, p 11.

semáforos, mecanizados, tiram a sua concentração e descanso, depois, os ruídos de uma empresa de limpeza de ruas em plena madrugada só fazem aumentar sua angústia. Marcovaldo questionara-se “como dormiria bem se não fosse aquela coisa! Cerrava os olhos e parecia sentir sob as pálpebras o acende e apaga daquele amarelo idiota; piscava os olhos e via dezenas de semáforos; voltava a abri-los e tudo recomeçava”.<sup>42</sup> Todos os contos seguem uma estrutura básica de análise, primeiro, há procura a singularidade expressa em uma determinada estação do ano com relação a vida e ao mundo natural. Segundo, a tentativa de retorno a natureza. Terceiro a frustração, pois, a sociedade industrial, que desequilibrou a harmonia entre homem-natureza ofusca Marcovaldo de seus objetivos. Logo, propondo a reflexão, “dentro da cidade de concreto e asfalto, Marcovaldo vai em busca da natureza. Mas ainda existe a Natureza? A que encontra é uma Natureza ardilosa, falsificada, comprometida com a vida artificial”.<sup>43</sup>

O amor de Marcovaldo pela natureza é um amor capaz de nascer apenas no homem moderno inserido na sociedade industrial. Mas da onde que Marcovaldo sente saudade? Como seria este paraíso bucólico?

Atribui-se, sobretudo, a partir da década de 1960 (contexto de produção da obra) como afloramento da preocupação com a questão ambiental. Tema, presentemente, no início do século XXI discutido em todas as esferas da sociedade, e disseminado em todos os meios de comunicação. Porém, cabe uma análise minuciosa do processo de culminação da sensibilidade ambiental do homem moderno, para isto, utilizando como suporte teórico a obra de Keith Thomas “**O homem e o mundo natural**” com o intuito de melhor compreender e conceituar a sensibilidade ambiental do homem moderno representada na obra de Calvino.

Keith Thomas argumenta que para melhor compreender o atual estado de desequilíbrio ecológico na sociedade moderna, fundamentada em uma hegemônica concepção de relação homem-natureza, torna-se primordial retornar ao princípio do período moderno (1500-1800). Pois, delineou-se deste período uma série de mudanças quanto às sensibilidades do homem em relação ao mundo natural e aos seres vivos. “Redefinindo o seu direito a explorar outras espécies em benefício próprio, prática que se viu fortemente contestada”.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> CALVINO, 1994, p 14.

<sup>43</sup> CALVINO, 1994, p 137.

<sup>44</sup> THOMAS, 2010, p 19.

No início do período moderno a visão tradicional de natureza era que esta, foi criada exclusivamente para suprir as necessidades humanas. Obtendo a igreja como principal instituição legitimadora desta perspectiva, proporcionando os alicerces morais da dominação humana sobre o mundo natural. “O domínio humano tinha, portanto, lugar central no plano divino. O homem era o fim de todas as obras de Deus”.<sup>45</sup> Visão antropocêntrica salientada por diversos teólogos dos séc. XV-XVIII, que para a consolidação plena da sujeição do mundo natural aos interesses humanos, tinham um importante aliado: o conhecimento científico.

Enquanto que a igreja legitimava o homem como possuidor natural do planeta e de toda vida existente nele. O racionalismo científico objetivava descobrir as leis que regem o movimento natural, a fim de dominá-las aos exclusivos interesses humanos, reforçando esta visão antropocêntrica acerca da percepção humana sobre a natureza.

Os cientistas e planejadores econômicos do século XVII anteviam triunfos ainda maiores sobre as espécies inferiores. Para Bacon, o fim da ciência era devolver ao homem o domínio sobre a criação em parte que ele perdera com o pecado original [...] o propósito de estudar o mundo natural se resumia em que a Natureza, desde que conhecida, será dominada, gerida e utilizada a serviço da vida humana.<sup>46</sup>

Fundamentada em âmbito religioso e científico o “divino” direito humano de posse sobre o mundo natural, outras maneiras de expressar e legitimar a singularidade humana forneciam um aparato a mais de conquista. Na esfera filosófica, fundamentada em Aristóteles, havia a distinção entre a alma humana e animal, sendo o homem um ser único, apenas ele capaz, de desenvolver a fala, a razão e, sobretudo, a religião. Sob uma fundamentação científica Rene Descartes avança esta esfera de distinção entre homens e animais:

Tratava-se da tese de que os animais são meras máquinas ou autômatos, tal como relógios, capazes de comportamento complexo, mas completamente incapazes de falar, raciocinar, ou, segundo algumas interpretações, até mesmo de ter sensações.<sup>47</sup>

Esta linha evolutiva de distinção entre homens e animais, estendia-se também entre o homem pelo homem. O considerado ser humano “bruto” que eram

---

<sup>45</sup> THOMAS, 2010, p 23.

<sup>46</sup> THOMAS, 2010, p 35.

<sup>47</sup> THOMAS, 2010, p 43.

escravos, índios, pobres, ladrões, pessoas não educadas e civilizadas pelo conjunto ético-moral religioso da época, não tinham direito a supremacia do mundo natural. Apenas um grupo privilegiado que por meio do processo civilizador freou as características, supostamente, “animais em si”, é que obtinham este direito.

Estas perspectivas de caráter antropocêntrico que legitimavam a supremacia humana sobre o mundo natural, se viram fortemente contestadas, sobretudo, a partir do século XVIII. À medida que as contradições intensificadas pelo progresso da civilização ocidental acarretaram em profundas conseqüências sócio-culturais, o homem se auto-questionara em torno de sua condição, revendo suas posições e percepções sobre a natureza e seus seres vivos.

Deste processo de crítica as hegemônicas concepções civilizadoras envolvendo as idéias de progresso, evolução, ciência que delineia-se a formação de sensibilidade ambiental no homem moderno, intensificada a partir do século XVIII. Até então, a cidade, que demonstrava o esplendor e simbolizava a supremacia humana sobre o mundo natural, passou a abarcar outras características fruto da produção de refugos presente neste modo de organização social. Como a intensificação da poluição, doenças, superpopulação, os vícios da cidade representando a moral corrompida e etc. Intensificando a separação entre campo e cidade, no qual culminou em diversas produções bucólicas de retorno a vida rural, como refugio ha vida urbana.

Estes questionamentos morais a respeito da condição humana, amplamente debatidas e possuindo fundamentação científica, propiciou o afloramento de concepções de organização social pautadas, sobretudo, no equilíbrio da vida. Registrando aumento de adeptos ao vegetarianismo no século XVII. As pessoas já não encontravam prazer no crescimento das cidades, destruição de bosques, expansão da agricultura e etc.

Para Keith Thomas a crítica ao modelo organizacional vigente na Europa entre os séculos XV-XVIII, pautados sob uma hegemônica concepção de civilização, progresso e ciência, propiciaram que:

Por volta de 1800 [...] Surgiam dúvidas e hesitações sobre o lugar do homem na natureza e o seu relacionamento com outras espécies. O estudo cuidadoso da história natural fizera cair em descrédito muitas das percepções antropocêntricas dos tempos anteriores. Um senso maior de afinidade com a criação animal debilitara as velhas convicções de que o homem era um ser único. Uma nova preocupação com os sofrimentos dos

animais viera à luz; e, ao invés de continuarem destruindo as florestas e derrubando toda árvore sem valor prático, um número cada vez maior de pessoas passava a plantar árvores e a cultivar flores para pura satisfação emocional.<sup>48</sup>

Pode-se entender a busca do personagem Marcovaldo pela natureza, por meio da negação aos valores solidificados na sociedade industrial, como o afloramento da percepção e sensibilidade ambiental humana expressa na década de 1960. Como crítica ao modelo de desenvolvimento industrial pautado na consolidação da sociedade de consumo. Que intensificava este modo de vida insustentável, sobretudo, fundamentado nas concepções hegemônicas de progresso e civilização. Porém, cabe pensar a sensibilidade ambiental expressa no personagem Marcovaldo de Calvino, como um processo histórico delineado nos primeiros séculos do período moderno, ou seja, esta sensibilidade não originou-se do antagonismo expresso na década de 1960, mas sim de um complexo contexto histórico, envolvendo os primeiros séculos da história moderna.

Representada a sensibilidade ambiental de Ítalo Calvino expressa no personagem Marcovaldo. Cabe analisar de que forma as concepções de progresso e civilização são representadas e criticadas através de sua obra literária. Como forma de problematizar, até que ponto esta sensibilidade ambiental aflorada em Marcovaldo não indaga para uma nova relação com a natureza, sobretudo, pautada no equilíbrio da vida? Sem com isso perder-se em um mundo ilusório e idílico, mas sim, como uma solução prática e viável.

---

<sup>48</sup> THOMAS, 2010, 344.

### 3.3 CIVILIZAÇÃO E PROGRESSO

A civilização industrial, baseada em um processo de produção sedimentado na mecanização e na padronização em série. Fundamenta-se, em duas concepções hegemônicas que regem este modelo organizacional estabelecido na sociedade de consumo: progresso e civilização. Do qual, o processo de auto-destruição inovadora presente neste modelo, não precisa pedir ou esperar da natureza os recursos disponíveis a assegurar sua sobrevivência. Pois, por meio do uso do conhecimento técnico-científico o homem pode extrair de seu mundo natural, o que bem entender, quando e como quiser. Dispondo, através de métodos tortuosos, a submissão das plantas, animais, solos e etc.

Porém, este modelo de organização social que necessita manter sua expansão econômica, sem com isso, acabar com as desigualdades sociais, concentração de renda, poluição, aumento de violência e crimes, ameaça entrar em colapso. Devido à tendência de esgotamento dos recursos naturais presentes na natureza. Cabe questionar, de que forma Calvino representa em Marcovaldo as contradições da sociedade de consumo, fundamentada nas ideologias de progresso e civilização? E, de que forma esta problemática contribui para a formação da sensibilidade ambiental do autor?

No conto “Marcovaldo no supermercado” Calvino faz uma breve reflexão sobre o consumo na sociedade industrial. No qual, Marcovaldo e sua família desprovidos de poder aquisitivo de consumo, vão até o supermercado apenas para observar as pessoas consumirem, desencadeando um evento cômico e melancólico ao mesmo tempo.

Às seis da tarde, a cidade caía nas mãos dos consumidores. O dia inteiro, a grande tarefa da população produtiva era produzir: produziam bens de consumo. Numa determinada hora, como se um interruptor fosse acionado, cessavam a produção e, rua! Lançavam-se todos a consumir. Todos os dias uma inflorescência impetuosa mal tinha tempo de desabrochar atrás das vitrines iluminadas, os salames vermelhos balançando, as torres de pratos de porcelana erguendo-se até o teto, as peças de tecido desdobrando drapeados como caudas de pavão, e eis que já irrompia a multidão consumidora para dismantelar corroer apalpar roubar. Uma fila ininterrupta serpenteava por todas as calçadas e portais, alongava-se através das portas de vidro nas lojas ao redor de todos os bancos, movida pelas cotoveladas de cada um nas costelas dos outros como por contínuos golpes de um êmbolo. Consumam! E tocavam nas mercadorias e voltavam a colocá-las no lugar e as retomavam e as arrancavam das mãos uns dos outros; consumam! E obrigavam as pálidas vendedoras a estender no

balcão roupa-branca e roupa-branca; consumam! E os rolos de barbante colorido giravam como piões, as folhas de papel florido frufriavam frenéticas, envolvendo as compras em pacotinhos e os pacotinhos em pacotes e os pacotes em embrulhos, cada um amarrado com seu laço de fita.<sup>49</sup>

Inseridos nesta sociedade que estimula o frenesi pelo consumo, Marcovaldo e sua família passeiam pelo supermercado apenas para observar as pessoas consumirem. Pois, não possuíam recursos para manter um alto padrão de vida. Admiravam como tudo parecia perfeito, através dos auto-falantes, músicas eram difundidas, e estimulavam ainda mais as pessoas ao consumo. Em meio a este suposto “mar de possibilidades”, Marcovaldo não se segura, esconde-se de sua família, pega um carrinho, e passa há desfilar pelos corredores do supermercado. Colocando no carrinho os mais variados itens, com o intuito de descobrir qual é o sentimento de se deixar levar pelo desejo, e consumir o que bem entender. Num determinado momento o mercado anuncia que esta prestes a fechar, antes de Marcovaldo esboçar alguma reação, sua esposa Domitilla aparece a sua frente com o carrinho tão cheio de mercadorias quanto o dele. Em seguida, seus quatro filhos, todos com os carrinhos entupidos de mercadorias. Marcovaldo pensa “o que fazer?”, até que todos, em fila, correm em sentido oposto ao do caixa entrando em uma área de construção que visava à ampliação do supermercado. Subiram em um armação de tábuas, até que:

Da escuridão avançou uma sombra. Era uma boca enorme, sem dentes, que se abria alongando-se num comprido pescoço metálico: um guindaste. Caía sobre eles, detinha-se na altura em que estavam, a queixada inferior contra a borda do tablado. Marcovaldo inclinou o carrinho, derramou a mercadoria na goela de ferro, foi em frente. Domitilla fez o mesmo. As crianças imitaram os pais. O guindaste tornou a cerrar a goela com todo o saque do supermercado dentro e com um movimento cortante puxou o pescoço para trás, afastando-se. Embaixo se acendiam e rodavam as inscrições luminosas multicoloridas que convidavam a comprar os produtos a venda no grande supermercado.<sup>50</sup>

Para Gustavo de Castro e Silva, Marcovaldo este humilde carregador de caixas da empresa SBVA, relaciona-se com o consumismo da sociedade moderna, não de uma forma crítica ou maniqueísta. Mas sim, sob a idéia da imaginação, da ingenuidade, onde prevalece o seu livre pensar.

---

<sup>49</sup> CALVINO, 1994, p 97.

<sup>50</sup> CALVINO, 1994, 102.



Marcovaldo não nos faz escolher um dos lados, não contrapõe o negativo ao positivo, mas, ao contrário, usa a imaginação, a metáfora e a literatura como instrumentos/operadores cognitivos para pensar livremente a relação comunicação versus prática de consumo.<sup>51</sup>

O consumo que ao mesmo tempo seduz, corrompe, mas no último instante não corrói totalmente Marcovaldo, pois, este consegue salvar-se (em parte), da fúria expressa na sociedade do consumo. Estrutura-se em dois hegemônicos pilares de sustentação, progresso e civilização. Mas, de que forma, Calvino representa em sua obra a crítica às hegemônicas concepções de progresso e civilização?

O personagem Marcovaldo que busca a natureza como refúgio há vida moderna. Não compreende os ditames que regem este modelo organizacional, embora, a insatisfação e o desamparo gerados pela modernidade, lhe façam, sob um olhar ingênuo, refletir sobre a complexidade da vida moderna. Neste sentido, o personagem central, indaga para um modo de vida que transcenda este modelo de organização social, que freia todas suas expectativas, e tentativas de romper com o véu condicionante da vida urbana. Tão exaltada nas figuras do progresso e civilização.

Difundiou-se na cultura moderna, século XVIII, contexto da afirmação dos ideais iluministas, que por meio do desenvolvimento do progresso técnico-científico, o homem alcançaria a plena liberdade, igualdade e bem estar social. Mas, como subproduto deste modelo de crescimento guerras, fome, degradação ambiental, violência, demonstram-se indissociáveis da atual concepção de progresso. Neste sentido, cabe questionar:

Somos, por conta desse tipo de desenvolvimento, mais sensatos e mais felizes? Ou podemos atribuir parte de nossa infelicidade precisamente à maneira como utilizamos os conhecimentos que possuímos? [...] Trata-se aqui de analisar a quem predominantemente este progresso serve e quais os riscos e custos de natureza social, ambiental e de sobrevivência ele está provocando.<sup>52</sup>

Por meio dos conceitos de civilização e progresso, a sociedade européia, distinguia-se das outras civilizações. Impondo seus padrões ético-morais, de crescimento técnico-científico, e desenvolvimento econômico sob uma perspectiva

---

<sup>51</sup> SILVA, 2007, p 60.

<sup>52</sup> DUPAS, 2007, p 73-74.

progressivo-linear da história. Entende-se a idéia de civilização primeiramente iniciada, como uma “ação de disseminação de polidez, passando pelo desenvolvimento moral, intelectual sócio-político, até a subordinação deste conjunto de valores ao desenvolvimento material.”<sup>53</sup> Ou seja, ao progresso. Richard Heinberg crítica esta hegemônica concepção de progresso, e argumenta que:

Que critérios fazem com que um modo mais intensivo de produção constitua evolução, progresso ou melhoria? Isso torna as pessoas mais felizes e saudáveis? Dá-lhes mais tempo de lazer? Quando dizemos que uma cultura é mais “avançada” que outra, que queremos dizer com isso? Em geral, a palavra significa apenas que as pessoas usam tecnologias mais complexas. Mas isso também significa que de fato estejam melhor de alguma forma biológica ou psicologicamente mensurável?<sup>54</sup>

O desenvolvimento técnico-científico fundamentado nesta hegemônica concepção de progresso, esta a mercê de um modo de produção baseado na auto-destruição inovadora. Ou seja, um imperativo evolutivo baseado na produção-consumo, que depende de um constante fluxo de trocas, tornando obsoleto hoje, o que foi produzido ontem. Segundo Berman, “tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo”.<sup>55</sup> A fim de ser reciclado e revendido, e manter a liquidez necessária neste modelo organizacional.

Para Heinberg esta forma de pensar o progresso e a civilização, sob um prisma de evolução cultural, demonstra-se sedutora, pois, coloca a civilização ocidental no topo das civilizações. Enfatizando aspectos escolhidos por esta, como o crescimento econômico e o desenvolvimento técnico-científico. Porém, para transcender este modelo insustentável, sob uma perspectiva ambiental, torna-se de extrema relevância pensar um novo modelo de desenvolvimento.

Não se pode, hoje, interpretar a evolução como simples passagem de etapas inferiores para superiores. Deve-se considerar o significado mais amplo do processo evolutivo – a adaptação. As sociedades humanas evoluíram através dos séculos, adaptando-se a novos ambientes e buscando soluções para seus problemas específicos de ordem cultural ou de relação com o meio ambiente.<sup>56</sup>

O personagem Marcovaldo demonstra-se um estranho a cidade, embora aturdido com as possibilidades que esta lhe apresenta. Não são os aparatos da vida

<sup>53</sup> AZEVEDO, 2004, p 20.

<sup>54</sup> HEINBERG, 1996, p 58.

<sup>55</sup> BERMAN, 2007, p 123.

<sup>56</sup> GUGLIELMO, 1999, p 63.

urbana que lhe despertam interesse, mas sim, uma busca incessante por transcender estes valores, constantemente difundidos nas idéias de consumo, progresso e civilização. Deposita na natureza a fuga de seus receios, a sua felicidade ofuscada pelos ditames da sociedade industrial. Mas como Calvino representa este paraíso idílico sonhado por Marcovaldo? Será que se pode interpretar por meio da análise da figura metafórica expressa no personagem Marcovaldo uma busca por uma sociedade pautada, sobretudo, no equilíbrio da vida?

Embora Ítalo Calvino, com traços estéticos literários do neo-realismo, estabelece a crítica ao paradigma da vida moderna e indaga para uma nova relação homem-natureza. Em sua obra percebe-se a crítica a solução de retornos a utopias idílicas, neste sentido, cabe a análise do próximo tópico, com o intuito de aprofundar esta perspectiva de Calvino. E, refletir sobre até que ponto Marcovaldo, não indaga para uma sociedade não fragmentada e mecanizada, mas sim, que releve a pluralidade da vida em sua totalidade, sob um plano holístico de sociedade.

### 3.4 HISTÓRIA AMBIENTAL, LITERATURA E MEMÓRIA

Ao mesmo tempo em que por meio da abordagem metafórica expressa no personagem Marcovaldo, Calvino crítica as contradições da vida urbana situada na sociedade industrial. Percebe-se também, a crítica ao contraponto, de retorno a um paraíso bucólico e idílico representado na vida rural. No conto “Uma viagem com as vacas” torna-se presente a crítica de Calvino ao retorno romântico a uma natureza inculta, livre dos vícios e das amarras da vida urbana.

Os ruídos da cidade que nas noites de verão entram pelas janelas abertas dos quartos de quem não pode dormir por causa do calor, os verdadeiros ruídos da cidade noturna fazem-se ouvir quando numa certa hora o estrondo anônimo dos motores rareia e emudece, e do silêncio emerge, discretos, nítidos, graduados conforme a distância, um passo de noctâmbulo, o rumor da bicicleta de um guarda noturno, um vozerio abafado e distante, e um roncar dos andares superiores, um gemido de um doente, um velho pêndulo que a toda continua batendo as horas. Até que de madrugada começa a orquestra dos despertadores nas casas operárias, e nos trilhos passa um bonde.<sup>57</sup>

Diante desta rotina, nas noites de verão, um acontecimento desperta a atenção de Marcovaldo. Ele que, “em cada presença humana reconhecia tristemente um irmão, como ele prisioneiro, mesmo no período de férias, daquele forno, de cimento cozido e poeirento, pelas dívidas, pelo peso da família, pelo salário baixo”.<sup>58</sup> Percebe por meio do barulho de sinos, e latidos de cães, um rebanho de vacas atravessando as ruas da cidade, indo em direção as montanhas. Curioso levanta-se vai até a rua para observar, seus filhos o acompanham fascinado pelo acontecido, enchendo Marcovaldo de perguntas, sobre estes engraçados animais, porém, Michelino ao seguir o rebanho perde-se de sua família. Um companheiro de trabalho de Marcovaldo, tempos depois, avisa que Michelino passaria todo o verão nas montanhas ajudando a cuidar do rebanho. Enquanto passava seus dias na empresa SBVA, imaginava quanta sorte tinha Michelino, que nesta altura devia estar descansando, sob o ar puro das montanhas, longe do calorão poeirento da cidade.

Sorte dele, sombra e água fresca, e se enchendo de manteiga e queijo – dizia Marcovaldo, e, todas as vezes que do fundo de uma rua lhe aparecia, coberto apenas pelo calor do verão, o recorte branco e cinzento das montanhas, sentia-se como mergulhado num poço, sob cuja luz, lá no alto,

<sup>57</sup> CALVINO, 1994, p 55.

<sup>58</sup> CALVINO, 1994, p 56.

parecia-lhe ver cintilar copas de bordos e castanheiros, e zumbir abelhas selvagens, e Michelino lá em cima, preguiçoso e feliz, entre o leite e o mel e as amoras nas sebes.<sup>59</sup>

Marcovaldo sonha com o paraíso utópico do qual para ele Michelino esta a desfrutar, desenhando em sua ingênua imaginação cada passo e dia de seu filho. Embora, ao mesmo tempo aflito e a espera de seu retorno. Em uma noite qualquer, no tilintar dos sinos, Marcovaldo e família descem as escadas para comprovar suas suposições, acertadamente, pois, Michelino retornara. Marcovaldo ansioso para comprovar suas suposições pergunta ao filho, sobre como tinha sido sua estadia nas montanhas repleta de belezas, calma, e alegria. Logo, Michelino contradiz o pai:

- Trabalhava como uma mula – disse, e cuspiu longe... – todas as tardes mudar os baldes dos ordenhadores de um animal para outro, de um animal para outro, e depois esvaziá-los nos latões, rápido, cada vez mais rápido, até tarde. E, de manhã, bem cedo, rolar os latões até os caminhões que os transportam para a cidade ... E contar, contar sempre: os animais, os latões, ai de quem errasse [...] – A gente nunca tinha tempo. Havia sempre o que fazer. Correr atrás do leite, da palha dos animais, do estrume. E tudo isso para que? Com a desculpa de que eu não tinha contrato de trabalho, quanto me pagaram? Uma miséria. Mas, se estão pensando que agora vou dar tudo para vocês, desistam. Para casa, vamos dormir que estou morto de cansado.<sup>60</sup>

Ítalo Calvino crítica a idéia de retorno a um mundo idílico, bucólico, no qual romantiza-se uma concepção estereotipada de natureza e sociedade. Embora, este apelo de retorno a natureza expresso em Marcovaldo, demonstra-se um desejo capaz de nascer apenas no homem urbano, representando sua insatisfação com os modelos hegemônicos de progresso, civilização e evolução. Mas se Calvino critica a idéia de retorno a natureza e o atual modo de vida do homem situado na sociedade de consumo, então, para que sociedade este autor indaga?

Neste sentido, cabe analisar o discurso metafórico expresso no personagem Marcovaldo, como a crítica a este modelo de organização social fragmentado, padronizado, que afasta o homem de seu mundo natural. Calvino propõe a reflexão em torno de uma sociedade que contemple a vida em sua totalidade, que devolva ao homem moderno a sua liberdade de sentir. Em contraponto a mecanização das relações humanas, expressa no modo de produção capitalista, que ofusca a subjetividade humana, gerando o desamparo, a crise de

---

<sup>59</sup> CALVINO, 1994, p 58.

<sup>60</sup> CALVINO, 1994, p 59.

identidade sócio-cultural, a homogeneização, levando ao mal-estar na modernidade. Logo, propõe-se pensar este atual estado de crise na sociedade moderna, que transpõe as dimensões política, econômica, ambiental, demonstrando-se, também uma crise de caráter ética, moral e espiritual no homem. Segundo Capra, “tudo isso são facetas de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise da percepção humana”.<sup>61</sup> Ou seja, da forma como homem percebe e se relaciona com outros seres vivos. Propondo um novo plano de organização holística, ecológica e orgânica de sociedade. Que releve o homem e a vida em sua totalidade.

Para Richard Heinberg torna-se preciso e de imediato, pensar um modelo de organização que transcenda estes modelos fundamentados em uma concepção antropocêntrica de sociedade. “O antropocentrismo baseia-se na tradição – uma tradição bastante peculiar que certamente necessita ser reavaliada à luz das atuais circunstâncias”.<sup>62</sup> Propondo o senso de comunidade, profundas transformações nas estruturas político-econômicas, reforma na agricultura e na descentralização do estado moderno. Processo designado por ele como “renascimento cultural”, como meio de curar a civilização de seus males, propondo uma transformação da percepção humana. Sob um plano holístico de sociedade, semelhante à idéia de Fritjof Capra. (citado anteriormente.)

Ambos salientam um plano de civilização pautado, sobretudo, no equilíbrio da vida, rejeitando qualquer centralidade ou superioridade do homem sobre a natureza. Que deve estabelecer a sua relação com a natureza guiada pelo pensamento ético, e biocêntrico. Livia Barbosa e José Drummond estabelecem a diferença entre os pensamentos antagônicos: antropocentrismo e biocentrismo.

No paradigma antropocêntrico os humanos, a cultura e a sociedade aparecem numa posição englobadora e irradiadora de sentido. A natureza é periférica, mera hospedeira do homem-parasita. O modelo biocêntrico inverte essa distribuição. Todos os ciclos vitais, no contexto de uma natureza despida de hierarquias de valor, ficam no centro, como valor absoluto. O homem é um elemento a mais dentro de uma natureza englobante [...] O modelo biocêntrico adota uma perspectiva holística, na qual inexistem posse e domínio. A natureza é dotada de uma subjetividade que a intitula a ser ouvida, entendida e respeitada.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> CAPRA, 1996, p. 13

<sup>62</sup> HEINBERG, 1996, p 244.

<sup>63</sup> BARBOSA; DRUMMOND, 1994, p 10.

Sônia T. Felipe em seu artigo “**Antropocentrismo, Sencientismo e Biocentrismo**” salienta a perspectiva biocêntrica, indo de encontro com a conceituação de Barbosa e Drummond. Segundo Sônia Felipe, a perspectiva biocêntrica:

Ao deslocar o eixo da ética, destituindo o agente da liberdade absoluta de decidir e agir buscando apenas os benefícios dos humanos, admitindo a inclusão na comunidade moral de todo e qualquer ser vivo, entendido por “ser vivo” não a simples condição de uma coisa viva, como o são, por exemplo, as sementes e os frutos, mas a de alguém que, para viver, precisa reconhecer seus interesses e agir de modo a alcançar o próprio bem, preservando-se aos seus.<sup>64</sup>

Cabe analisar a busca de Marcovaldo pela natureza representada na obra de Calvino, que problematiza a complexidade da vida urbana, como a busca do homem moderno por uma nova relação homem-natureza. Que estabeleça o equilíbrio perdido neste modo de vida insustentável, fundamentado em uma concepção antropocêntrica, por uma concepção holística e biocêntrica da vida. Calvino que por meio de uma estrutura básica presente em todos os contos da obra, mostra primeiro; a busca de Marcovaldo por encontrar a natureza no decorrer de cada estação do ano. Segundo; a tentativa de retorno a natureza, e terceiro; a sua insatisfação. Pois, os ditames da vida moderna suplantam suas expectativas de transcendência. Propõe há reflexão em torno da condição moderna em meados da década de 1960, no qual, “o homem contemporâneo perdeu a harmonia entre ele e o ambiente onde vive, e superar essa desarmonia é uma tarefa árdua; as esperanças fáceis demais, idílicas, sempre se revelam ilusórias”.<sup>65</sup>

Inserido neste debate em torno da condição do homem moderno e seu afastamento do mundo natural, cabe destacar, o papel do historiador ambiental em diálogo com a fonte literária. Que, através da análise histórica, possa evidenciar as diferentes relações homem-natureza construídas socialmente. Evidenciando na obra literária mecanismos, do qual, os historiadores ambientais podem utilizar como ferramenta de análise de uma determinada conjuntura marcada pelo pensamento antropocêntrico. Com o fim de elencar alternativas que visem, sobretudo, o respeito e o direito a vida de todos os seres vivos existentes.

---

<sup>64</sup> FELIPE, 2009, p 2.

<sup>65</sup> CALVINO, 1994, p 141.

## 4 CONCLUSÃO

O escritor Italiano Ítalo Calvino (1923-1985) nasceu em Cuba, mudando-se para a Itália após seu nascimento, país de origem de seus pais. Onde militou no partido comunista italiano participando da resistência ao regime fascista. Permanecendo no partido até 1956, mesmo ano do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Que denunciou os crimes da ditadura Stalinista, ocasionando a saída de vários militantes do partido. Porém, se desfilou apenas em 1957, sendo que sua carta de renúncia ao partido gerou certa repercussão, ficando famosa.

Tornou-se um dos grandes expoentes da literatura Italiana no século XX, sendo autor de uma vasta produção literária. A obra “Marcovaldo ou as estações na cidade”, objetivo central de análise desta pesquisa, publicada primeiramente em 1963 traz algumas peculiaridades de Calvino. Como parte de sua influência neo-realista, e o período de criação da obra entre 1952-1963, que abarca parte de seus últimos anos de militância no partido comunista e período pós sua desfiliação.

O neo-realismo italiano, movimento artístico expresso no cinema, literatura, artes plásticas e etc. Que influenciou Calvino em parte de sua criação literária objetivava a construção de uma linguagem subjetiva com o público. Sobretudo, combativa e questionadora, denunciando os males da guerra que assolavam a Itália, como a fome, miséria e extremas desigualdades sociais. Este movimento obtinha como participantes muitos intelectuais, inclusive, militantes do partido comunista. Porém, o neo-realismo, importante expoente cultural italiano entre as décadas de 1940-1950, registra na década de 1960 um contraponto a sua perspectiva de análise, pois, a nova dinâmica industrial consolidada na era de ouro do sistema capitalista, transformou as relações humanas. A ponto de parte do movimento não conseguir abarcar em sua produção artística estas novas questões decorrentes do desenvolvimento dos modos de produção. “Aos poucos, a atmosfera do país muda: à imagem de uma Itália pobre e subdesenvolvida se contrapõe a de uma Itália, em parte, com desenvolvimento técnico e consumo no nível de países ricos”.<sup>66</sup>

Calvino na obra Marcovaldo, estabelece este dialogo entre a dinâmica industrial e sua influência neo-realista. No qual, a análise da complexidade da vida

---

<sup>66</sup> CALVINO, 1994, p 142.



urbana, situada na sociedade moderna industrial torna-se presente. Pois, ao mesmo tempo em que o autor questiona a relação do homem moderno com a natureza, fundamentada em uma hegemônica concepção de progresso, civilização e ciência, que gerou um modelo insustentável de organização social, causando a desarmonia do homem para com seu meio natural. Calvino também problematiza as ingênuas esperanças de retorno a um idílio natural e romântico. “A crítica a civilização industrial é acompanhada de uma crítica igualmente decidida a todo sonho de paraíso perdido. O idílio industrial é alvejado tanto quanto o idílio campestre”.<sup>67</sup> Neste sentido, o personagem Marcovaldo que busca a natureza na cidade industrial, mesmo com intermináveis decepções, nunca desiste de seus objetivos, não perdendo o olhar ingênuo, mas também investigativo, e questionador do meio em que vive. Logo, de que forma percebe-se representada na obra Marcovaldo de Calvino, a formação da sensibilidade ambiental do homem moderno? E, para que modelo de organização social este autor indaga por meio da representação metafórica expressa no personagem Marcovaldo?

Estes problemas nortearam esta pesquisa, no sentido de pensar o atual paradigma da sociedade moderna envolvendo a questão ambiental, como reflexo, ou crise, sobretudo, da percepção humana. Solidificada em uma concepção antropocêntrica da vida que, “ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.<sup>68</sup> Em um sociedade, que segundo Marx, profetizou, “tudo que era sólido se evapora no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e por fim o homem é obrigado a encarar com serenidade suas verdadeiras condições de vida e suas relações com a espécie”.<sup>69</sup> Por meio da análise metafórica do personagem Marcovaldo, esta pesquisa busca após identificada a sensibilidade ambiental deste autor, a proposição de um modelo de organização social pautado no equilíbrio da vida. Sob uma conceituação biocêntrica, que há releve em sua totalidade, através de um plano holístico, orgânico e ecológico de sociedade. Fundamentado em Fritoj Capra, e Richard Heinberg, que salientam este plano de organização social.

Cabe ressaltar a figura do historiador ambiental em consonância com a fonte literária, no sentido de por meio da análise histórica, identificar as diferentes relações com a natureza que são socialmente construídas estabelecidas pelo

---

<sup>67</sup> CALVINO, 1994, p 141.

<sup>68</sup> BERMAN, 2007, p 24.

<sup>69</sup> MARX, 2003, p 29.

homem. Com o intuito de indagar para além da compreensão da sociedade, sua transformação. E relacionando a literatura, pois, como salienta Sandra Pesavento, por meio da estrutura narrativa que delimita o ponto de encontro entre história e literatura. Esta última permite ao historiador, o acesso ao imaginário de uma civilização, dotada de uma riqueza “possibilitando capturar a impressão da vida, presentes na narrativa literária, muito mais que em outro tipo de documento”.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> PESAVENTO, 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, André Nunes de. **A gênese e o desenvolvimento da idéia de civilização na Europa**: da idade moderna ao século XIX. Revista Intellectus, RJ, Ano 03, Vol. II, 2004.
- BARBOSA, Livia N. de Holanda; DRUMMOND, José Augusto. **Os direitos da Natureza Numa Sociedade Relacional**: reflexões sobre uma nova ética ambiental. Estudos Históricos, RJ, v.7, n. 14, 1994, p. 265-289. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1987/1126>. Acesso em: 25/10/2011
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, 272.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 170.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 465 p.
- BRANCO, Samuel Murgel. **Energia e meio ambiente**. 8. ed São Paulo: Moderna, 1990, 96 p.
- CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 143p.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 17 ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1996. 447 p
- CAROLA, Carlos R. **Meio Ambiente**. In: \_\_\_\_\_. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos Temas Nas Aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2009, 221p.
- DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 111p.
- DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. Novos Estudos – CEBRAP, SP, n. 77, Março de 2007, p 73-89. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000100005&script=sci_arttext). Acesso em: 13/08/2011
- FELIPE, Sônia T. **Antropocentrismo, Sencientismo e Bioecentrismo**: perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadores e o estatuto de animais não-humanos. Revista Páginas de Filosofia, SP, v.1, n.1, jan-jul/2009, 30p. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/viewFile/864/1168>. Acesso em: 25/10/2011
- FERRAZ, Bruna Fontes. **As Estações de Marcovaldo**: a relação entre cidade natureza a partir da obra Marcovaldo ou as estações na cidade, de Ítalo Calvino. Cadernos Benjaminianos, Belo Horizonte, v.3, n.3, p 34-42, janeiro/junho de 2011.

GUGLIELMO, Antonio Roberto. **A pré-história: uma abordagem ecológica.** São Paulo: Brasiliense, 1999. 72p.

SILVA, Gustavo de Castro e. **Imaginação, linguagem e consumo.** Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 55-69. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/113/111>. Acesso em: 27/03/2011

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997-2001. 598 p.

HEINBERG, Richard. **Um novo pacto com a natureza.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996. 308 p.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino.** São Paulo: Cortez, 2006 (Questões da nossa época, v. 130).

MARTINS, Marcos Lobato. **História e Meio Ambiente.** São Paulo: Annablume, 2007, 144p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista.** São Paulo: Editora Sunderman, 2003. 68 p.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura.** 8ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, p 97.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 130 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história,** *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 enero 2006. URL: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em: 23/03/2011

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo: Contexto, 2005. 439 p.

SOUZA, Lillian Andreza dos Santos. **Cidades (in) visíveis: imagens, caminhos e representações.** 2010. 165 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) Instituto de Artes, UNICAMP, São Paulo, 2010.

THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais (1500-1800).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 537 p.

VIANNA, Luiza Maria de Oliveira. **Ítalo Calvino e o Riso como Saber.** 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Poética) Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes, **História do século XX**. 1.ed Porto Alegre: Novo Século, 1998. 246 p.